

Importa ainda integrar, de facto, cada pessoa no seu processo de libertação e ajudá-la a dar o passo possível nessa caminhada; proporcionar-lhe a abertura de horizontes solidários, a fim de vir a prestar apoio a quem esteja em necessidade (ou seja de assistida, a pessoa há-de passar a cooperante na libertação dos demais); ser criativo de novas formas de intervenção (inovando ou renovando), sempre que as formas tradicionais revelem sinais de inadequação e não comportem elementos de renovação eficaz.

Conclusão

O futuro da Pastoral Social está contido, em germen, no presente. O mesmo amor de Deus que prossegue incansavelmente a realização do seu projecto de salvação, aguardando com paciência infinita a livre resposta do homem; a situação do mundo que Deus ama e pelo qual ofereceu o Seu único Filho, Jesus Cristo; a fidelidade crescente da Igreja que, cada vez reconhece mais, a dimensão humanitária da sua missão; a renovação em curso prosseguida por tantos cristãos e seus movimentos e comunidades; o despertar progressivo para novas formas de voluntariado são alguns indícios seguros que auguram um futuro melhor a esta área fundamental da acção pastoral.

Estes indícios — que são também realidade significativa em muitos lados — apontam caminhos a percorrer por todos os que assumem os desafios da pobreza como uma **questão humana e realidade persistente** e desejam promover uma Pastoral Social mais adequada à Igreja-Caridade e mais eficaz num mundo que pressente a urgência da nova Civilização do Amor.

GEORGINO ROCHA

Livros, Livreiros e Impressores portuenses do século XVII

A actividade impressora quinhentista foi notável, mas as obras manuscritas foram mantendo os seus clientes. A edição era difícil sem protecção mecénica e os leitores não abundavam. Encontramos, especialmente em testamentos, referências frequentes a manuscritos pertencentes a espólios, pelo século XVII além.

O conceito de livraria, tanto podia referir-se a um conjunto de livros de particulares, como a colecções de natureza pública ou até um conjunto indiscriminado de livros ¹. Assim ², em 1571, o conhecido coimbrão António de Mariz *yprimidor e liureyro* comprou a dois mercadores da rua de S. Miguel, do Porto, chamados Tristão Roiz Vila Real e seu sobrinho Jorge Dinis uma *lyurary de framdes e dous cofres*. O preço foi avultado para a época: 134 220 rs. O documento em estudo regista o compromisso do pagamento em duas prestações, porque o comprador tinha recebido a mercadoria fiada. O movimento comercial do Porto com a Flandres era notável nesta época, tanto mais que o Porto tinha um número razoável de flamengos residentes. Os negócios com António Mariz continuaram pelo menos até ao fim do século ³.

O livreiro começou por vender cópias manuscritas. Numa primeira fase, chegou a confundir-se com o encadernador. Chegava ao exercício da sua profissão através duma aprendizagem com os

¹ Ver LOUREIRO, José Pinto - *Livreiros e Livrarias de Coimbra*. Arquivo Coimbrão. 1954, 12, p. 69-171.

² ARQUIVO DISTRITAL DO PORTO (A.D.P.) - *Po 1º*, 3ª série, 39, fl. 138.

³ A.D.P. - *Po 1º*, 3ª s., 72, 78; *Po 2*, 12, 165.

exercícios práticos que o tornavam apto a receber a licença, depois dum exame perante os juizes do seu officio.

Havia um tabelamento de produtos e salários como acontecia nas profissões regulamentadas. A importância desta profissão foi compreendida pelos homens de Renascimento como fora compreendida a importância capital da imprensa como meio divulgador da cultura. Em 1508, D. Manuel privilegiou esta profissão designando-a por *nobre arte da impressão*. Foi assim que os impressores de todo o país ficaram equiparados aos cavaleiros da sua casa real. Deixaram de ser oficiais mecânicos ⁴.

Os livros de maior consulta estavam protegidos contra extravios, pois encontravam-se presos por um cadeado. Na Idade Média, são referidos como *concatenati*. Ainda em 1554, segundo se lê nos livros da Mitra do Porto, foram pagos uns tornos *p^a cadea com q hos estatutos estam presos no cabido*.

Muitos livros litúrgicos continuaram a ser manuscritos, porque os caracteres da imprensa para a pauta musical eram raros nas tipografias.

Em 1543 ⁵, o castelhano Gaspar Vernal recebe 650 reais por procecionários que escreveu para a Sé. No recibo que passou dá-se como *escriptor de libros*. Em 1550, o mesmo decorou e encadernou para a Mitra portuense.

Em 1549 ⁶, Paulo Fernandes fez dois livros de coro. Passados três anos ⁷, Domingos Ribeiro encaderna oito cadernos feitos para a Mitra por um padre de S. Domingos para servirem na Semana Santa. No ano seguinte ⁸, o impressor da Porta do Olival, cujo nome é omitido no texto, encaderna dois procecionários que fez Frei Gaspar Preto, O.P.

Manuscrito devia ser, em 1553, *hũ breuiayro grande pera ho coro* ⁹. No ano seguinte ¹⁰, foi pago um tostão a *hũ padre de São Domýgos q apõtou o invitatorio de defuntos*.

⁴ LOUREIRO - *Livros*, p. 83; ver LIMA, Durval Pires de - *Os Primeiros Livros e Livros de Lisboa*. Lisboa, 1943, p. 16.

⁵ A.D.P. - *Mitra*, 223, sem numeração (s.n.).

⁶ A.D.P. - *Mitra*, 106, 89 v.

⁷ A.D.P. - *Mitra*, 106, 5v.

⁸ A.D.P. - *Mitra*, 227, s.n.

⁹ A.D.P. - *Mitra*, 107, s.n.

¹⁰ A.D.P. - *Mitra*, 224, s.n.

Pergaminho era material de escrita muito usado. Por exemplo, João Azevedo, morador à Ponte de S. Domingos forneceu uma remessa de 14 dúzias e meia de *porgaminhos de frandes de duas faces p^a a liuraria da See*, em 1536 ¹¹. No século seguinte, continuou a ser comprado aos maços e às dúzias ¹².

O comércio livreiro do Porto desenvolvia-se em vários sentidos. A Galiza era um bom mercado para livros de teologia e de direito. Os livros eram transportados por mar em canastras. Para Lisboa, seguiam por mar, em barris. Para o Brasil, iam em fechos, fardos e caixões.

Os livros importados, a maior parte em latim, porque era a língua conhecida das pessoas cultas, eram de origem flamenga, francesa e italiana. Os missais de Antuérpia e de Paris predominavam. Por exemplo, em 1648 ¹³, entrou *hu fardo de livros com trinta e sinco livros grãdes em latim de direito devino e umano*.

Bibliotecas

Em 1633, Belchior Pinto Pereira, fidalgo da Casa de Sua Majestade, morador na sua Quinta do Bonjardim, no Porto, tinha uma *liuraria* que estava avaliada em dois mil cruzados que vendeu ao irmão Dr. Baltasar Pinto Pereira, desembargador da Casa da Suplicação de Lisboa. O desembargador não dispunha de dinheiro na ocasião, porque tinha comprado a Quinta do Outeiro, em terras de Basto. Portanto hipotecava a quinta como garantia e comprometia-se a pagar anualmente cinquenta mil reis como juro. Era, sem dúvida, uma biblioteca de muito valor, embora também incluísse as estantes.

Em 1662 ¹⁵, o jurista Manuel da Silva Carneiro, oriundo de Bragança, no seu testamento, deixa a sua *livraria* a S. Domingos, impondo algumas condições que indicam o apreço em que tinha os seus livros, embora não pormenorize sobre eles. Não poderiam ser avaliados nem vendidos nem trocados. Afirma o seu propó-

¹¹ A.D.P. - *Mitra*, 228, 7 e 15.

¹² A.D.P. - *Cabido*, 124, 2; 128, 34; 135, 29v.

¹³ A.D.P. - *Cabido*, 124, 195v.

¹⁴ A.D.P. - *Po 1^o, 3^a s.*, 162, 119v.

¹⁵ *Ibid.*, *Ordem de S. Domingos*, 6, 382.

sito de os livros ficarem ao serviço de pessoas de sua igualha intelectual.

Através dum procurador que vivia no Porto, chamado Sebastião da Costa, D. Leonor Monteiro vendeu a biblioteca do seu falecido marido Dr. Jorge Pinto de Almeida, desembargador, oriundo de Águeda. O comprador foi o livreiro coimbrão Manuel Rodrigues de Almeida, morador na rua do Arco de Almedina. Não aparece o rol dos livros, como era costume. Quando esse rol existia, era mencionado na escritura mas não era transcrito. Era apenas *huma livraria com seus caixões* ¹⁶, ou arcazes, onde os livros estavam guardados. O preço foi de 160 000 reis, que o livreiro devia pagar até Setembro desse ano de 1673, em duas prestações iguais.

Outra biblioteca, certamente com espécies diferentes, mas mais abundante devia ser a de D. Fernando Correia de Lacerda, bispo do Porto. Era pessoa culta com obras publicadas e, além disso, de bastantes recursos materiais. Foi doada a um familiar ¹⁷. Nos espólios, eram mais frequentes as peças de escultura e pintura, depois, certamente, das peças de ouro e prata. Ainda neste século, aparecem livros manuscritos em lugar de importância, como se lê no testamento do P.^e Luís de Sousa Coutinho, de S. Nicolau ¹⁸.

Em 1688 ¹⁹, Dr. Carlos Manso da Costa dotou-se para casamento com a sua *livraria* que lhe tinha custado 150 000 reis.

Livreiros e Impressores

Francisco ALVES ou Álvares, classificado como *empresador*, morava na rua da Biquinha. Foi testemunha em 1694 ²⁰, e no ano seguinte ²¹.

¹⁶ A.D.P. - Po 8^o, 45, 101.

¹⁷ Ver LEÃO, Manuel - *Um Bispo do Porto do século XVII*. O Tripeiro, 7^a série, 1993, XII (6), p. 182.

¹⁸ A.D.P. - Po 4, 71, 92.

¹⁹ *Ibid.*, 82, 77v.

²⁰ *Ibid.* Po 8, 102, 152v.

²¹ *Ibid.* Po 4, 94, 26.

Manuel ANTUNES, casado com Maria Ribeiro, morava na Cordoaria Nova. Em 1631 ²², com a mulher, passa procuração; em 1638 ²³, resolve assunto de partilhas.

Agostinho BARBOSA, casado com Maria Dias, morava na rua dos Mercadores. Assina como testemunha em 1666 ²⁴, classificado como oficial de livreiro, faz compra em 1676 ²⁵; em 1684 ²⁶, contrai empréstimo. Morreu em 1705 ²⁷.

Manuel CARDOSO, livreiro, morava ao pé das Aldas. Em 1626 ²⁸, é padrinho de baptismo, em Miragaia. Em 1635 ²⁹, morador à Ponte de S. Domingos, vende casa; em 1636 ³⁰, compra aí casa. Em 1639 ³¹, como *mercador e lyureyro* intervém em fiança. Entre 1645 e 1650 ³², manteve vários negócios com açúcar do Brasil. Morreu em 1659 ³³.

Domingos CARNEIRO, casado com Faustina Pereira, morava na rua dos Mercadores. Em 1630 ³⁴, dá quitação do dote do casamento. Em 1632 ³⁵, assina transacção com Pantaleão Pereira; mantém negócios com açúcar do Brasil ³⁶. Em 1651 ³⁷, despacha livros para o Brasil: *hum fardo de liuros ao deuyno*.

²² A.D.P. - Po 2, 82, 97.

²³ *Ibid.*, 95, 217.

²⁴ *Ibid.*, 125, 56v. e 168.

²⁵ A.D.P. - Po 8, 55, 224v.

²⁶ *Ibid.*, 81, 103.

²⁷ A.D.P. - *Fundo Paroquial - Sé*, óbitos n^o 1, 79v.

²⁸ *Ibid.*, *Miragaia*, Misto 2, 87 v.

²⁹ A.D.P. - Po 2, 90, 37v.

³⁰ A.D.P. - *Convento de S. Domingos*, n^o 6, 394.

³¹ A.D.P. - Po 1^o, 4^a s., 173, 240.

³² A.D.P. - *Cabido*, 120, 107v. e 116v.; livro 128, 156; 126, 84.

³³ A.D.P. - *Cabido*, 839, 75v.

Manuel Cardoso foi impressor das obras do mestre de gramática latina no Porto, Padre João Nunes Freire (MATOS, Marina de Moraes Freitas de - *Impressores, editores e livreiros do Porto*. Arquivo de Bibliografia Portuguesa. 1970, 16, p. 112). O Pe. João Nunes Freire obteve privilégio para a impressão de obras da sua especialidade (DESLANDES, Venâncio Augusto - *Documentos para a História da Typographia Portuguesa nos séculos XVI e XVII*. Lisboa, 188, p. 183-185. Desta obra há uma edição fac-similada da Imprensa Nacional - C.M. de 1988).

³⁴ A.D.P. - Po 2, 80, 163v.

³⁵ *Ibid.*, 83, 109v.

³⁶ A.D.P. - *Cabido*, 122, 43 e 72.

³⁷ *Ibid.* *Cabido*, 129, 212.

No mesmo ano ³⁸, já viúvo, faz partilhas. Já não devia viver em 1653 ³⁹.

Tomé CORREIA, livreiro, morador na rua dos Mercadores, em 1597 ⁴⁰, dá quitação ao sogro Gaspar Novais pelo dote de casamento com Francisca Novais. Nos anos seguintes ⁴¹, aparece como testemunha. Em 1602 ⁴², toma prazo das casas, na rua dos Mercadores; no mesmo ano ⁴³, assina como testemunha; baptiza, na Sé, o filho Miguel, em 1604 ⁴⁴, e o filho António, em 1606 ⁴⁵. Em 1621 ⁴⁶, a filha Ângela casa, na Sé, com António Pinto. Morre em 1630 ⁴⁷.

António da CUNHA, livreiro, casado com Isabel Campelo, morava na rua dos Mercadores. Em 1675 ⁴⁸, vende parte de casal em Penafiel. Em 1680 ⁴⁹, pede empréstimo. No ano seguinte ⁵⁰, vende pensão sobre casa, bem como um foro ⁵¹. Ainda no mesmo ano ⁵², a mulher mandata-o para proceder à venda de bens herdados do pai dela, em Cete.

Guilherme da CUNHA, livreiro, aparece como testemunha, em 1640 e 1651 ⁵³; em 1653 ⁵⁴, dá quitação de herança e, no mesmo ano ⁵⁵, com a mulher passa procuração para receber herança dum tio, falecido em Pernambuco. No ano seguinte ⁵⁶, actua como procurador em liquidação de herança. Casara com Mariana de

³⁸ A.D.P. - Po 2, 113, 151v.

³⁹ A.D.P. - Po 4, 1ª s., 44, 230.

⁴⁰ A.D.P. - Po 2, 8, 182v.

⁴¹ *Ibid.*, 10, 59v; 12, 165; 13 (2ª parte), 122 e 156v.

⁴² *Ibid.*, 15, 217.

⁴³ *Ibid.*, 19, 25.

⁴⁴ A.D.P. - *Fundo Paroquial - Sé*, Baptismos nº 5, 122v.

⁴⁵ *Ibid.*, Baptismos, 5, 153v.

⁴⁶ *Ibid.*, misto nº 2.

⁴⁷ *Ibid.*, misto nº 2, 53 v.

⁴⁸ A.D.P. - Po 1º, 9, 1ª s., 53, 39v.

⁴⁹ *Ibid.*, 68, 245v.

⁵⁰ A.D.P. - Po 8, 70, 280.

⁵¹ *Ibid.*, Po 4, 73, 178 v.

⁵² *Ibid.*, 73, 181.

⁵³ A.D.P. - Po 8, 10, 32v.; 13, 75v.

⁵⁴ A.D.P. - Po 1º, 4ª s., 143, 220.

⁵⁵ *Ibid.*, 144, 8.

⁵⁶ A.D.P. - Po 8, 15, 209.

Abreu, em 1651 ⁵⁷, na paróquia portuense da Vitória. Ele era natural de Cete. Em 1658 ⁵⁸, aparece como testemunha. Passa dois anos ⁵⁹, passa procuração para Lamego para receber empréstimo que tinha concedido e assina outra procuração para receber herança do sogro. Em 1663 ⁶⁰, com a mulher assina procuração para vários em diversas localidades. Em datas seguintes ⁶¹, surge como testemunha. Em 1669 ⁶², contrai empréstimo; no mesmo ano ⁶³, assina como testemunha. Em 1675 ⁶⁴, é a mulher que passa procuração. No ano seguinte ⁶⁵, passa ele procuração e os dois assinam documentos de herança ⁶⁶. A vida deve ter-lhe decorrido adversa, porque a Câmara, em 1678 ⁶⁷, concede-lhe uma esmola de 4 000 reis.

Inácio FERREIRA, livreiro, casado com Maria Ferreira, é filho do livreiro Amaro Gonçalves. Em 1656 ⁶⁸, fornece o Cabido com livro de cinco mãos de papel para laudémios e pensões. É escrivão das décimas, na rua dos Mercadores ⁶⁹; em 1665 ⁷⁰, é recebedor da décima. Faleceu em 1666 ⁷¹. A viúva ficou com três filhos menores ⁷², trata das partilhas ⁷³, que faz em 1676 ⁷⁴.

José FERREIRA, impressor, que, embora fosse de Coimbra ⁷⁵, contratou trabalho no Porto, em 1672 ⁷⁶. Em 1690, impri-

⁵⁷ A.D.P. - *Fundo Paroquial - Vitória*, Misto 3, 255v.

⁵⁸ A.D.P. - Po 8, 19, 159v.

⁵⁹ A.D.P. - Po 2, 119, 197 e 235.

⁶⁰ *Ibid.*, 121, 141v.

⁶¹ A.D.P. - *Fundo Paroquial - Sé*, Misto 4, 9; Po 2, 123, 7; Po 9, 26, 121.

⁶² *IDEM*, Po 8, 31, 34.

⁶³ *Ibid.*, 31, 69.

⁶⁴ A.D.P. - Po 2, 135, 141.

⁶⁵ *Ibid.*, 135, 222v.

⁶⁶ *Ibid.*, 135, 230 e 230v.

⁶⁷ A.H.M.P. - *Arrematação das Rendas*, livro 7, 202v.

⁶⁸ A.D.P. - *Cabido*, 839, 249v.

⁶⁹ A.H.M.P. - *Vereações*, 56, 288; 59, 173v.

⁷⁰ *Ibid.*, 59, 59.

⁷¹ A.D.P. - *Cabido*, 839, 87.

⁷² A.D.P. - Po 2, 126, 62.

⁷³ *Ibid.*, 126, 100v.

⁷⁴ *Ibid.*, 136, 42v.

⁷⁵ LOUREIRO - *Livreiros*, p. 128.

⁷⁶ A.D.P. - Po 8, 43-44 (2ª parte), 348-361.

miu, no Porto, as Constituições Sinodais de D. João de Sousa, bispo do Porto.

D. Nicolau Monteiro, bispo do Porto (1671-1672), tinha nascido na freguesia de S. Nicolau. Foi um diplomata cuja personalidade marcou a época da Restauração. Como bispo da Guarda, eleito mas não confirmado pela Santa Sé ⁷⁷, pregou no Porto, na solenidade comemorativa da paz com Espanha ⁷⁸. Confirmado na mitra do Porto, tinha idade muito avançada, daqui resultando um fugaz pontificado. Era um intelectual com obras publicadas que, no nosso século, classificaríamos de resistência política. Era muito empreendedor. São inúmeros os documentos em que o seu nome é invocado ou intervém pessoalmente. Um dos seus grandes sonhos foi a construção da igreja de S. Nicolau, consagrando o seu onomástico. Mandou fazer uma nova igreja paroquial à custa das rendas da sua mesa episcopal *mayor que a antigua que mandara deribar* ⁷⁹.

A contratação de impressor não é singular, porque muitos bispos tinham impressor privativo. A instalação no Paço é que é mais rara.

O título da escritura é *Obriguaçam que fizerão Ant^o da Costa de nasam portugueza e Graviel Bilhete estrangeiro empreñssores de liuros ao Illustrissimo sr. Dom Niculau Monteiro Bpo. do Porto*. No texto, são classificados como *ofesiaais de empreñsam de liuros*. Também estava presente José Ferreira, *outrosim empreñsador de liuros e mercador delles* morador na cidade de Coimbra. As máquinas de imprimir eram pertencentes a José Ferreira, que, na vigência do contrato, não as poderia retirar do Paço Episcopal. O estrangeiro devia ser italiano, porque assina «Viglieti». Os dois impressores estavam contratados por D. Nicolau Monteiro e por José Ferreira *a lhes fazem (sic) toda a obra de liuros que o dito senhor Bpo tem em que estam trabalhando no dito passo e a se não auzentarem nenhum delles athe não (sic) acabarem toda a dita obra e emquoanto nella estiuerem trabalhando não poderão emtre meter outra alguma*

⁷⁷ PINTO, A. Ferreira - D. Nicolau Monteiro, Bispo do Porto. Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto. 1940, III, p. 348-361.

⁷⁸ A.H.M.P. - Vereações, 59, 321.

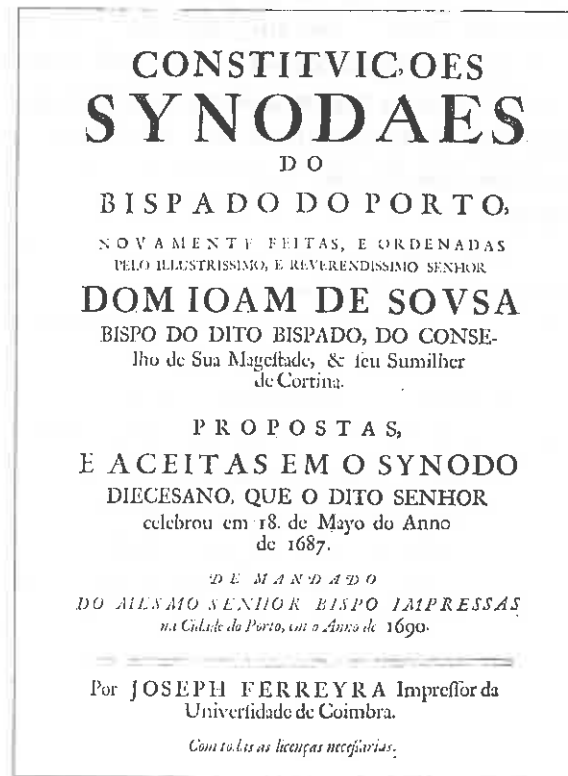
⁷⁹ A.D.P. - Po 2, 132, 261.

para fazer se não se for por ordem do dito sr. Bispo pera quem se obriguão por este publico instrumento a nam faltarem a esta obriguasão. Serão obrigados, em caso de falta, a indemnização por perdas e danos. Mais declaram os contratantes que os mestres da dita obra *de empreñsão dos ditos liuros atras e asima declarados e aquy asinados* seriam também indemnizados pelo bispo se, por falta de *auiaamentos*, não pudessem trabalhar. Fica estipulada a quantia que receberão: cada um receberá dois tostões por dia.

Os mestres obrigavam-se a fazer o trabalho, provavelmente qualquer das obras literárias do bispo, não especificada, sem fazerem ausências. Sujeitavam-se às consequências *sen-do cauza q se auzentem e não dem satisfação ao aquy dito ambos juntos ou hum delles se obriguauão hum por hum e outro por outro a acabamento da dita obra toda quanto o dito senhor tiuer para fazer e não a fazen-*

do asim querião ser prezos onde quer q se acharem e paguarem todas as perdas e danos. Esteve presente à escritura, como testemunha o P. Baltasar Guedes, benemérito portuense, fundador do Colégio de Nossa Senhora da Graça, de que era reitor, mais conhecido por Colégio dos Órfãos.

A passagem deste livreiro conimbricense pelo Porto deve ter deixado rastros na amizade que contraiu nesta cidade durante a sua



permanência. Em 1688⁸⁰, o famoso escultor portuense Domingos Nunes passou procuração para Coimbra ao impressor e livreiro José Ferreira.

Manuel Carneiro FERREIRA, geralmente referido e assinado sem o apelido Ferreira, era mercador de livros e morava na rua dos Mercadores. Em 1656⁸¹, recebe 260 reis do Cabido, por *hu liuro que fes p^a o pão*. Era filho de outro livreiro, Domingos Carneiro, como se lê no dote para casamento com Helena da Cruz, em 1655⁸². No ano seguinte⁸³, dá quitação do dote. Com a mulher, é fiador da sua irmã órfã Antónia, em 1657⁸⁴. Em 1660⁸⁵, manda procuração para a Guarda para receber fornecimento de livros que tinha feito ao livreiro local Manuel Carneiro Ferreira, que lhe devia 22 800 reis; no mesmo ano⁸⁶, fornece o cabido.

Em 1661⁸⁷, criou complicações com os dominicanos, que o accionaram pelo facto de desacordo sobre casas que ele possuía na rua dos Mercadores e eram foreiras a S. Domingos. Agenciando os seus negócios, passa procuração para Coimbra⁸⁸. É escrivão do recebedor da décima⁸⁹. Em 1662⁹⁰, com a mulher assina escritura de venda ao abade de Santa Marinha de Vila Nova duma pensão sobre casa, na rua dos Mercadores. Em 1664⁹¹, depois dum projecto de cedência de prazo, toma prazo fateusim de casas na rua da Ourivesaria. No ano seguinte⁹², vende pensão de 4 000 reis ao ourives de prata Manuel Branco. Faz o seu testamento em 1666⁹³. Passados dois anos⁹⁴, a viúva vende uma casa.

⁸⁰ *Ibid.*, 145, 129.

⁸¹ A.D.P. - *Cabido*, 839, 249v.

⁸² A.D.P. - *Po* 4, 46, 100.

⁸³ *Ibid.*, 47, 96v.

⁸⁴ *Ibid.*, 47, 184v.

⁸⁵ *Ibid.*, 52, 43v.

⁸⁶ A.D.P. - *Cabido*, 839, 249v.

⁸⁷ A.D.P. - *Convento de S. Domingos*, 6, 433; 22 (2ª parte), 191.

⁸⁸ A.D.P. - *Po* 4, 51, 84v.

⁸⁹ A.H.M.P. - *Vereações*, 57, 56v.

⁹⁰ A.D.P. - *Po* 8, 22, 63v.

⁹¹ A.D.P. - *Po* 4, 55-A, 117.

⁹² A.D.P. - *Po* 2, 123, 46.

⁹³ A.D.P. - *Po* 8, 26, 120v.

⁹⁴ A.D.P. - *Po* 2, 127, 50.

Em 1691⁹⁵, o registo paroquial de Santo Ildefonso refere um Manuel Carneiro, solteiro, livreiro, morador em Santa Ana, em casa de João Dias, que deve ser o livreiro João Dias Leite. Manuel Carneiro deve ser filho de Manuel Carneiro Ferreira.

Mateus FERREIRA, chamado *emprençador*, morava na rua da Biquinha e era casado com Águeda Ribeiro. Tratava-se dum impressor, embora não conste que tenha trabalhado por conta própria. Numa certa época da sua vida, passa a chamar-se Mateus Ferreira Deveras. Havia alcunhas, que, por não serem injuriosas ou até serem do agrado dos próprios, ficaram a fazer parte do nome e até dos descendentes como é este caso.

Em 1679⁹⁶, presta fiança. Em 1681⁹⁷, recebe açúcar do Brasil. Em 1691⁹⁸, passa procuração ao filho e outros para Pernambuco. Em 1694⁹⁹, ele e a mulher recebem quitação de empréstimo. Em 1696¹⁰⁰, passa procuração, dá quitação¹⁰¹, e serve de testemunha¹⁰². Em 1698¹⁰³, o casal passa procuração para Alpendurada para a venda duma casa em Cete. Em 1699¹⁰⁴, concede empréstimo e, já como Deveras e morador na rua de S. Francisco¹⁰⁵, assina como testemunha. Em 1700¹⁰⁶, concede empréstimo. Neste mesmo ano¹⁰⁷, Mateus F. Deveras e seu filho António F. Deveras impressores ou, como se lê no documento *emprensadores*, moradores na rua da Biquinha passam procuração para Lisboa a João Ferreira Deveras para ajustar *huma escritura de contratto q elles Constituintes tem sebrado* (sic) *e ajustado com a viuva q ficou de Matheus Pety franses e seu genro Miguel de Mourie*. Trata-se dum contrato de impressão de trabalho para Lisboa, onde, neste

⁹⁵ A.D.P. - *Fundo Paroquial*, Misto 3, 94v.

⁹⁶ A.D.P. - *Po* 1ª, 4ª s., 177, 104.

⁹⁷ A.D.P. - *Cabido*, 168, 229.

⁹⁸ A.D.P. - *Po* 8, 94, 197v.

⁹⁹ *Ibid.*, 102, 63.

¹⁰⁰ A.D.P. - *Po* 4, 97, 69v.

¹⁰¹ A.D.P. - *Po* 8, 106, 241.

¹⁰² *Ibid.*, 108, 267v.

¹⁰³ *Ibid.*, 112, 281.

¹⁰⁴ A.D.P. - *Po* 4, 101, 64.

¹⁰⁵ *Ibid.*, 102, 232.

¹⁰⁶ A.D.P. - *Po* 8, 116, 281.

¹⁰⁷ A.D.P. - *Po* 4, 103, 190.

século, ficou conhecida a actividade impressora de profissionais franceses. No ano seguinte ¹⁰⁸, compra campo em Arcozelo, do concelho de Gaia, recebe quitação ¹⁰⁹. Em 1705 ¹¹⁰, passa para Lisboa uma procuração de carácter geral. Em 1705 ¹¹¹, já tinha morrido.

Pedro FERREIRA, livreiro, morava na rua dos Mercadores. Em 1573 ¹¹², fornece a Mitra com *dous mesaes novos q lhe cōprei hũ grãde da ipressão de antuerpia e outro meao da ãpessão de paris*. Em 1592 ¹¹³, morreu o filho solteiro António. Em 1594 ¹¹⁴, apadrinha Alexandre Manuel, filho do livreiro Francisco Nunes. No ano seguinte ¹¹⁵, volta a servir de padrinho na Sé; o mesmo acontece em 1604 ¹¹⁶. Morre em 4 de Março de 1619 ¹¹⁷. No ano seguinte ¹¹⁸, são referidas as suas ligações de família.

Tomás da FONSECA, livreiro, morador na rua dos Mercadores, assina como testemunha em 1597 ¹¹⁹. Dele, não foram encontrados mais vestígios.

Pedro FRANCISCO, oficial de livreiro, morador junto ao Padrão Elói, era casado com Catarina Soares. Em 1676 ¹²⁰, passa procuração ao livreiro Paulo da Costa, de Coimbra, para cobrança de 6 000 reis que tinha emprestado a Baltasar de Andrade. No ano seguinte ¹²¹, volta a insistir no mesmo assunto, como era corrente na época. A mulher também passa procuração ¹²².

¹⁰⁸ *Ibid.*, 104, 192.

¹⁰⁹ *Ibid.*, 105, 171v.

¹¹⁰ *Ibid.*, 113, 19.

¹¹¹ *Ibid.*, 112, 22v.; a família paga as dívidas da herança paterna (*Po* 4, 112, 290); o filho Pedro representa a mãe na liquidação de assuntos de família (*ibid.*, 113, 70); em 1707, a família faz partilhas (*ibid.*, 116, 291v.).

¹¹² A.D.P. - *Mitra*, 108 (s.n.) 9 de Dezembro.

¹¹³ A.D.P. - *Fundo Paroquial - Sé*, Misto 1, 98v.

¹¹⁴ *Ibid.*, Sé, Baptismos 4 (em 20 de Março).

¹¹⁵ *Ibid.*, Sé, Baptismos 4 (em 17 de Julho).

¹¹⁶ *Ibid.*, Sé, Baptismos 5, 122.

¹¹⁷ A.D.P. - *Cabido*, 838, 49v.

¹¹⁸ A.D.P. - *Fundo Paroquial - Sé*, Misto nº 2 (15 de Dezembro).

¹¹⁹ A.D.P. - *Po* 1º, 3º s., 112, 105v.

¹²⁰ A.D.P. - *Po* 8, 55, 237.

¹²¹ *Ibid.*, 57, 98v.

¹²² *Ibid.*, 61, 274.

Geraldo GOMES, livreiro, morador na rua do Souto, em 1677 ¹²³, passa procuração para Lisboa.

Amaro GONÇALVES, pai do livreiro Inácio Ferreira, casado com Ana Francisca, filha do livreiro Pedro Ferreira, morava na rua dos Mercadores. Casou em 1620 ¹²⁴; em 1634 ¹²⁵, com a mulher assina transacção amigável; em 1654 ¹²⁶, serve de testemunha. Em 1667 ¹²⁷, é referido na fiança prestada pela viúva do filho Inácio Ferreira. Morre em 1670 ¹²⁸.

João Dias LEITE, casado com Luísa Moreira, morador ao pé das Aldas, era mercador de livros, na rua dos Mercadores. Em 1678 ¹²⁹, passa procuração para Lisboa. Em 1681 ¹³⁰, passa procuração para Vila do Conde; no mesmo ano ¹³¹, compra casa ao pé das Aldas. No ano seguinte ¹³², faz procuração para Barcelos. Em 1689 ¹³³, concede empréstimo; no ano seguinte ¹³⁴, obtém o privilégio de manpoteiro pequeno da Trindade, para pedir esmolas na igreja dos Meninos Órfãos.

Em 1691 ¹³⁵, com o seu sogro o mercador António Gonçalves de Sousa, assina obrigação de 4 000 cruzados à Marquesa de Alenquer. Em 1694 ¹³⁶, assina distrato, em 1701 ¹³⁷, assiste a casamento em Santo Ildefonso e em 1713 ¹³⁸, concede empréstimo. Em 1723 ¹³⁹, já é a viúva que dá quitação.

¹²³ A.D.P. - *Po* 2, 137, 134v.

¹²⁴ A.D.P. - *Fundo Paroquial - Sé*, Misto 2, 105v.

¹²⁵ A.D.P. - *Po* 2, 89, 112v.

¹²⁶ *Ibid.*, 115, 25v.

¹²⁷ *Ibid.*, 126, 62.

¹²⁸ A.D.P. - *Cabido*, 839, 94; Sé, Misto 4, 33.

¹²⁹ A.D.P. - *Po* 8, 60, 173.

¹³⁰ A.D.P. - *Po* 2, 140, 191v.

¹³¹ A.D.P. - *Po* 4, 73, 186.

¹³² *Ibid.*, 142, 22.

¹³³ A.D.P. - *Po* 4, 82-A, 3v.

¹³⁴ A.H.M.P. - *Registo Geral* 5º, f. 252v.

¹³⁵ A.D.P. - *Po* 2, 150, 128v.

¹³⁶ *Ibid.*, 156, 220.

¹³⁷ A.D.P. - *Fundo Paroquial - Santo Ildefonso*, Misto 4, 211.

¹³⁸ A.D.P. - *Po* 4, 134, 160.

¹³⁹ *Ibid.*, 153, 112.

Rui LOPES, livreiro, morador à Ponte de S. Domingos, testemunha uma escritura, em 1581 ¹⁴⁰.

Pantaleão de MACEDO, livreiro, na rua dos Mercadores, é referido porque a sua viúva Filipa Moreira assina procuração em 1651 ¹⁴¹.

Geraldo MENDES, livreiro, casado com Maria de Jesus, é paroquiano da Sé, morando na rua dos Mercadores. Aí baptiza, em 1583 ¹⁴², Prudência e, em 1590 ¹⁴³, Maria, suas filhas. Aí é crismada Marta, sua filha, em 1593 ¹⁴⁴. Em 1583 ¹⁴⁵, dá quitação a Francisco Nunes e ¹⁴⁶, compra casa, na rua dos Mercadores.

Entre 1588 e 1595 ¹⁴⁷, serve várias vezes de padrinho de baptismo e de testemunha ¹⁴⁸. Em 1590 ¹⁴⁹, compra casa na rua dos Mercadores. Em 1597 ¹⁵⁰, é fiador de Domingos Padrão, de Montalegre, condenado a três anos de degredo para África. Neste ano, ¹⁵¹, fundou uma capela em S. Domingos. Trata-se duma fundação geralmente com obrigação de sufrágios por parte da instituição que a aceita. O filho Matias Mendes era administrador e o compromisso manteve-se para além dos meados do século seguinte. Foi o ano da sua morte ¹⁵², tendo ficado como seu testamenteiro e cunhado também livreiro Francisco Nunes. Em 1598 ¹⁵³, casa a filha Maria com Jerónimo de Sousa. Em 1601 ¹⁵⁴, como havia um filho menor chamado Matias, futuro livreiro, há um processo judicial em que foi nomeado tutor do menor o tio também livreiro Francisco Nunes.

¹⁴⁰ A.D.P. - Po 1º, 3ª s., 39, 64.

¹⁴¹ A.D.P. - Po 8, 13, 103.

¹⁴² A.D.P. - Fundo Paroquial - Sé, Baptismos 2, 186.

¹⁴³ Ibid., Baptismos nº 4, 17.

¹⁴⁴ Ibid., 4, 47.

¹⁴⁵ A.D.P. - Po 1º, 3ª s., 72, 78v.

¹⁴⁶ Ibid., 72, 83.

¹⁴⁷ A.D.P. - Fundo Paroquial - Sé, Baptismos 2, 280; 4, 6; 4, 53.

¹⁴⁸ A.D.P. - Po 1º, 3ª s., 99, 41v.

¹⁴⁹ Ibid., 96, 119.

¹⁵⁰ A.D.P. - Po 2, 8, 188v.

¹⁵¹ A.D.P. - Convento de S. Domingos 21, 2ª parte, 138; 22, 82; 22, 2ª parte, 197.

¹⁵² A.D.P. - Fundo Paroquial - Sé, Misto 1, 84v.

¹⁵³ Ibid., Misto 1, 20.

¹⁵⁴ A.D.P. - Po 2, 16, 65 v.

Matias MENDES, filho de Geraldo Mendes e de Maria de Freitas, era livreiro, na rua dos Mercadores. Ainda solteiro, é fiador de arrendamento com o livreiro Francisco Nunes, seu tio, em 1602 ¹⁵⁵, e também serve de testemunha. Casa com Helena de Resende, em 1604 ¹⁵⁶, e baptiza na Sé os filhos Maria, Manuel, André e Catarina ¹⁵⁷. Morre em 1615 ¹⁵⁸. A viúva enfrenta problemas por causa das partilhas, três anos depois ¹⁵⁹.

António Gomes de MOURA, em muitos documentos, é mencionado como António Gomes. Este livreiro, morador na rua dos Mercadores, foi casado em primeiras núpcias com Mariana Teixeira e, em segundas, com Maria Gomes de Moura. Em 1650 ¹⁶⁰, com o correeiro Francisco Pereira, seu cunhado, assina procuração para receber herança em Moura Morta. No mesmo ano ¹⁶¹, é dotado para casar com Mariana Teixeira, sendo ele identificado como filho legítimo de serralheiro Francisco Fernandes e de Madalena Ferreira, da Ferraria de Baixo. Passados dois anos ¹⁶², presta fiança, dando como garantia real uma casa de dois sobrados que possuía na rua da Bainharia. Já com a sua tenda na rua dos Mercadores, vê-se envolvido num delito que o leva à prisão. Recorre para Lisboa, porque está *ora prezo no carcere de Prizam desta Rellacam pello auto que delle auíão feito a Requerimento de Christovão de Crasto no Juizo desta Rellacam por dizer o tinha achado com huma pistola* ¹⁶³. No mesmo ano ¹⁶⁴, presta fiança. Em 1656 ¹⁶⁵, recebe açúcar do Brasil e dois fardos de livros do Norte. Havia muitos livros que entravam a barra, vindos de Antuérpia, Paris, Londres. A maioria eram missais, breviários, livros de teologia, direito e letras clássicas.

¹⁵⁵ Ibid., 18, 68; 20, 176v.

¹⁵⁶ A.D.P. - Fundo Paroquial - Sé, Misto 1, 39v.

¹⁵⁷ Ibid., Baptismos, 5, 122; 159v., 185 e 226v.

¹⁵⁸ A.D.P. - Cabido, 838, 36v.

¹⁵⁹ A.D.P. - Po 2, 52, 25.

¹⁶⁰ Ibid., 112, 138v.

¹⁶¹ Ibid., 112, 156 v.

¹⁶² A.D.P. - Po 8, 13, 119.

¹⁶³ Ibid., 13, 118.

¹⁶⁴ Ibid., 14, 89v.

¹⁶⁵ A.D.P. - Cabido, 138, 90v.; 140, 212.

Em 1658 ¹⁶⁶, passa procuração de carácter geral; no mesmo ano ¹⁶⁷, morre a primeira esposa. Em 1662 ¹⁶⁸, o Dr. Manuel da Silva Carneiro era credor dele, embora tivesse uma pequena conta de livros, conforme refere no seu testamento; no mesmo ano ¹⁶⁹, dá quitação ao sogro pelo dote de casamento. Em 1664 ¹⁷⁰, é substituído como recebedor da décima, na Sé. Em 1666 ¹⁷¹, é recebedor da décima na freguesia da Sé.

Em 1669 ¹⁷², verifica-se um caso na vida desta família, que hoje chamaríamos insólito. Talvez seja um certo pendor para a excentricidade que o livreiro manifestou em algumas circunstâncias da sua vida à mistura com prepotência, como se verá no decurso destes dados biográficos. Com o domínio da Coroa Espanhola em Portugal até 1640, era fácil a deslocação das pessoas entre os dois países. Muitos espanhóis se estabeleceram no termo do Porto.

O livreiro tinha um irmão a viver em Sevilha havia quarenta e tantos anos, provavelmente sem notícias, embora houvesse relações comerciais frequentes, por mar, entre o Porto e Sevilha. Lorenzo Herrera, casado em Espanha, instala-se em casa do irmão, renuncia ao direito que tinha à herança familiar, assinando-lhe a respectiva quitação. No mesmo ano ¹⁷³, como tutor do filho menor Manuel, passa procuração para Lisboa a fim de receber créditos; ainda ¹⁷⁴, com a mulher Maria Gomes de Moura, passa procuração ao livreiro lisboeta João Martins para compra de casa.

Em 1670 ¹⁷⁵, baptiza na Sé, o filho Francisco. Em 1671 ¹⁷⁶, é padrinho de baptismo em Santo Ildefonso; e ¹⁷⁷, assiste a um contrato celebrado pelos mordomos de Santo António do Penedo. No ano seguinte ¹⁷⁸, com a mulher, passa procuração; é mesário

¹⁶⁶ A.D.P. - Po 2, 112, 138v.

¹⁶⁷ A.D.P. - Cabido, 839, 73v.

¹⁶⁸ A.D.P. - Convento de S. Domingos, 6, 381v.

¹⁶⁹ Ibid., Po 4, 53, 186 v.

¹⁷⁰ A.H.M.P. - Vereações, 58, 220.

¹⁷¹ Ibid., 59, 173v.

¹⁷² A.D.P. - Po 8, 30, 190v.

¹⁷³ A.D.P. - Po 4, 58, 21.

¹⁷⁴ Ibid., 31, 168.

¹⁷⁵ A.D.P. - Misto 4, 101.

¹⁷⁶ Ibid., Misto 2, 47v.

¹⁷⁷ Ibid., Po 2, 132, 26v.

¹⁷⁸ Ibid., Po 8, 44, 142.

da Irmandade da Exaltação da Santa Cruz, em Santo António do Penedo ¹⁷⁹; como tesoureiro da fábrica de Santo António do Penedo, recebe vinte mil reis da Câmara para as obras do alpendre e coro ¹⁸⁰.

Em 1673 ¹⁸¹, compra casa na rua dos Mercadores; no ano seguinte ¹⁸², resolve partilhas com os filhos da sua primeira esposa falecida. Neste ano ¹⁸³, é riscado de irmão da Misericórdia, por ter aberto abusivamente uma janela sobre o hospital de Santa Clara. Em 1675 ¹⁸⁴, novo acontecimento revela o carácter truculento do livreiro. Foi transcrita em nota uma sentença contra António Gomes de Moura *mercador de liuros e moedeyro do numero da caza da moeda do Porto e m er*. Os mordomos do Senhor da Via Sacra citaram-nos, mas eles não compareceram. Os irmãos da Confraria tinham mandado fazer a ermida junto ao monte da Senhora da Graça e o livreiro, sem mais cerimónias, mandou lá fazer uma sepultura para ele e para a família. Em 1680 ¹⁸⁵, pede empréstimo; em 1683 ¹⁸⁶, com outros empreende a construção de capela própria na Ordem Terceira de S. Francisco; em 1685 ¹⁸⁷, pretende mover acção contra o apavonador António Dias, passando procuração com a mulher para esse efeito.

Em 1685 ¹⁸⁸, passa procuração a Gualter Maynard, em Recife de Pernambuco, para que este pedisse contas a Manuel Alves Moreira, morador em Pernambuco pelo livros que tinha em seu poder. Em 1687 ¹⁸⁹, despacha para o Rio de Janeiro 64 livros de *oras portuguezas artes e concilios*, espécies bibliográficas destinadas a estudos eclesiásticos. No mesmo ano ¹⁹⁰, aparece como oficial da Confraria das Almas de S. João Novo.

¹⁷⁹ Ibid., 43-44 (2ª parte) 35.

¹⁸⁰ A.H.M.P. - Arrematações, 1º 6, 209v.; Livro 6, Rendas, 799.

¹⁸¹ A.D.P. - Po 2, 134, 61v.

¹⁸² Ibid., 134, 206.

¹⁸³ ARQUIVO DA SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DO PORTO - Livro 6º, 23v.

¹⁸⁴ A.D.P. - Po 1º, 4ª s., 173, 63 v.

¹⁸⁵ Ibid., Po 8, 69, 229v.

¹⁸⁶ Ibid., Po 1º, 4ª s., 182, 54.

¹⁸⁷ Ibid., Po 4, 78, 171v.

¹⁸⁸ Ibid., 79, 88.

¹⁸⁹ Ibid., Cabido, 174, 168v.

¹⁹⁰ Ibid., Po 4, 81, 70v.

Francisco NUNES, livreiro na rua dos Mercadores, é dotado em 1590¹⁹¹, por Andresa Dias, viúva, para casar com a filha Catarina Vilela. O dote é constituído, no que diz respeito a imóveis, por um moinho e um forno na travessa da rua do Souto. A partir de 1590¹⁹², aparece em muitos documentos como testemunha. Em 1591¹⁹³, constitui uma sociedade com Dr. Lopo Dias, físico como então eram chamados os médicos, que entra com 150 000 reis para o livreiro investir em livros, porque ele *estava de camynho para Modyna del câpo reyno de castella*. Nesta época, havia livreiros castelhanos que ou residiam na cidade ou vinham fornecer os clientes.

Em 1597¹⁹⁴, fica por abonador pelo degredo de Domingos Padrão, de Montalegre. Em 1600¹⁹⁵, é fiador do rendeiro do bispo; no ano seguinte¹⁹⁶, recebe quitação e¹⁹⁷, passa procuração para efeito de cobrança. Em 1602¹⁹⁸, apadrinha a sobrinha Maria, filha de Matias Mendes, ano em que ambos deram fiança, tendo F. Nunes repetido¹⁹⁹. No ano seguinte²⁰⁰, é incumbido por familiar de cobrança. Em 1607²⁰¹, baptiza na Sé o filho Gaspar. Em 1621²⁰², intervém na renda de Burgães.

Manuel de OLIVEIRA, livreiro, filho de Marcos de Oliveira e sua mulher Francisca Rodrigues, naturais de Valongo do Vouga é dotado para casar com Isabel Moreira da Costa²⁰³. Não consta que tenha exercido a sua actividade nesta cidade.

¹⁹¹ *Ibid.*, Po 1º, 3ª s., 99, 37v.

¹⁹² *Ibid.*, 96, 122; 115, 139 e 199v.; 116, 134 e 141v.; Po 2, 16, 64; 18, 104.

¹⁹³ *Ibid.*, Po 1º, 3ª s., 103, 113v.

¹⁹⁴ *Ibid.*, Po 2, 8, 188v.

¹⁹⁵ *Ibid.*, Po 4, 2, 7v.

¹⁹⁶ *Ibid.*, Po 2, 16, 65v.

¹⁹⁷ *Ibid.*, Po 1º, 3ª s., 119, 149.

¹⁹⁸ *Ibid.*, Po 2, 18, 68.

¹⁹⁹ *Ibid.*, 20, 174.

²⁰⁰ *Ibid.*, 20, 183v.

²⁰¹ *Ibid.*, Fundo Paroquial - Sé, Baptismos nº 5, 174.

²⁰² *Ibid.*, Po 4, 9, 136.

²⁰³ *Ibid.*, 101, 129.

Um Missal do Porto

É uma novidade a impressão dum missal de altar feita na cidade do Porto. Não foi possível encontrar nenhum exemplar, apesar das dezenas de edições de missais rebuscadas nos ficheiros de várias bibliotecas. Nem no Porto, nem em Coimbra, nem na Galiza, para onde nessas épocas o Porto fornecia livros de carácter religioso, foi possível descobrir esta edição que vai ser estudada. Era costume queimar alguns objectos litúrgicos degradados pelo uso, por exemplo, paramentos e papéis impressos. Os missais do Porto não devem ter escapado à fogueira.

Em 18 de Outubro de 1632²⁰⁴, portanto, nos fins do domínio espanhol, o impressor de livros João Rodrigues, da rua de Trás *que vay de Santo Elói pª a porta do Olival*, Tomás Pacheco, *livreiro*, morador na rua dos Mercadores, e Francisco Seco, *cirurgião*, da rua das Aldas resolveram fazer a impressão do missal. Tratava-se de *hũ missal romano de folha*, para o qual receberam as licenças exigidas por lei. João Rodrigues tinha quinze dias para iniciar a impressão e seis meses para entregar o trabalho *impresso perfeitamente cõ duas estâpas finas sem erro nenhu*. Se houver erro, o impressor terá de o corrigir à sua custa. Fornecerá a *letra e ponto*, tudo necessário para a perfeição do trabalho. Compromete-se a não imprimir mais do que mil exemplares.

Combinaram também que, se no fim se verificasse que havia mais exemplares do que os contratados, estes seriam distribuídos pelos três interessados. João Rodrigues *dara os missais alçados compydos e acabados ha sua custa e de boa letra e bom uermelhão*. Provavelmente Tomás Pacheco ficaria encarregado da encadernação, porque o impressor obrigava-se a entregar-lhe o trabalho tanto que *cada caderno for impresso*.

Francisco Seco fornecia o papel necessário. Se não cumprisse, causando atraso na impressão, responderia perante os sócios pelo prejuízo causado. Como o papel era importado, fica ressalvada a responsabilidade do cirurgião: *isto se entendera auêdo papel no Reyno*.

²⁰⁴ *Ibid.*, Po 2, 85, 13v.

Tomás Pacheco entraria com 200 000 reis para pagar aos impressores todos os sábados. Se trabalhassem dois prelos ou *prensas* seriam 6720 reis; se trabalhasse apenas uma, seria a metade respectiva. Quando este adiantamento acabasse, os três interessados teriam de pôr o dinheiro necessário. Tomás Pacheco já tinha entregue a João Rodrigues material no valor de 20 000 reis em *tintas e uermelhão e aparelho e fabryqua da dita impressão*. O primeiro dinheiro que obtiverem da próxima venda de missais seria para amortizar as despesas feitas por Tomás Pacheco e por Francisco Seco. Os *demais uolumes que sobejarẽ se repartyrão entre elles todos três irmãmente*. Se João Rodrigues adoecer ou tiver outro qualquer impedimento, far-se-á substituir suportando a despesa respectiva.

O impressor obriga-se a não imprimir qualquer outro livro, enquanto não terminasse a obra do missal. Para as despesas iniciais e formalidades de saída da obra, cada um vai entrar com três mil reis.

A história da impressão deste missal não fica por aqui. Até poderíamos admitir que o contrato não fosse executado, mas, em 1657 ²⁰⁵, conta-se parte da distribuição dos exemplares pelos companheiros da primeira sociedade. Nesta data, já tinham morrido todos os intervenientes. A primeira mulher de Francisco Seco, Antónia Monteiro tinha entregue a Gonçalo Roiz, livreiro, *hua quantidade de missais* que pertenciam ao falecido marido que, com Tomás Pacheco, os tinha mandado imprimir. O marido tinha uma dívida junto dum credor de Lisboa que, por sua vez, penhorava os missais que estavam na posse de Antónia Monteiro e os que estavam no poder de Gonçalo Roiz. No documento em causa, arrumam as contas, pois o credor também recebeu missais em pagamento por não haver dinheiro. As contas ficaram saldadas, tendo a viúva recebido 54 860 reis.

Em 1631 ²⁰⁶, Tomás Pacheco comprou casas de três sobrados com loja e portal na rua Escura acima da Cruz do Souto.

²⁰⁵ *Ibid.*, 117, 209v.; as filhas de Francisco Seco não foram felizes no casamento (*Po* 2, 118, 195); Antónia Monteiro, moradora na rua do Colégio, fez testamento, transcrito em 1664 (*Po* 2, 122, 155).

²⁰⁶ *Ibid.*, *Po* 4, 19, 115.

Em 1633 ²⁰⁷, assina composição amigável acerca de prazo. Em 1637 ²⁰⁸, compra casa na rua dos Mercadores; em 1639 ²⁰⁹, passa procuração; em 1641 ²¹⁰, concede empréstimo; em 1643 ²¹¹, paga domínio de casas ao Cabido; em 1645 ²¹², compra pensão sobre casas na rua do Ourivesaria. Morre em 9 de Fevereiro de 1646 ²¹³. A viúva Francisca Moreira, com quem casara em segundas núpcias, passa juntamente com os filhos procuração para o Brasil para cobrança de remessa de livros, em 1648 ²¹⁴.

Manuel Rodrigues PASSO, *merquador de livros e livreiro*, casado com Maria Ferreira, morava na rua dos Mercadores. Em grande parte da sua vida, assinava apenas Manuel Rodrigues. Em 1676 ²¹⁵, com a mulher presta fiança; em 1678 ²¹⁶, toma prazo à Câmara dumas casas de três sobrados, na rua dos Mercadores. No ano seguinte ²¹⁷, é testemunha de casamento na Sé e ²¹⁸, com a mulher aceita a doação; em 1680 ²¹⁹, cede um foro por arrendamento; em 1683 ²²⁰, com a mulher cede prazo na rua dos Mercadores; em 1684 ²²¹, passa procuração para Pernambuco para cobrança de carregação. No ano seguinte ²²², o P. Inácio Ferreira e irmã doam-lhe um prédio na rua dos Mercadores.

²⁰⁷ *Ibid.*, 23, 227.

²⁰⁸ *Ibid.*, *Po* 2, 94, 197.

²⁰⁹ *Ibid.*, 96, 12.

²¹⁰ *Ibid.*, *Po* 4, 32, 20.

²¹¹ *Ibid.*, *Cabido*, 1271, 71v.

²¹² *Ibid.*, *Po* 4, 36, 20v.

²¹³ *Ibid.*, *Cabido*, 839, 50.

²¹⁴ *Ibid.*, *Po* 8, 10, 32v. A viúva continuou a figurar em documentos notariais, dando quitação (*Po* 8, 15, 168v.), passando procuração para o Rio de Janeiro (*Po* 4º, 44, 230). Em 1658 (*Po* 8, 19, 159v.) faz uma doação porque está resolvida a ir com a filha para um convento em Viseu. No entanto, no ano seguinte (*Po* 4, 50, 21), ainda recebe quitação de dívida contraída pelo marido. Em 1654 (*Po* 4, 44, 188) tinha constituído património ao filho Santos Pacheco para ser ordenado.

²¹⁵ *Ibid.*, *Po* 2, 136, 42v.

²¹⁶ A.H.M.P. - *Prazos*, Livro 6º, 192.

²¹⁷ A.D.P. - *Fundo Paroquial*, Misto 5, 313v.

²¹⁸ *Ibid.*, *Po* 4, 71, 225.

²¹⁹ *Ibid.*, 72, 40v.

²²⁰ *Ibid.*, 76, 18.

²²¹ *Ibid.*, 76-A, 106v.

²²² *Ibid.*, 78, 96v.

Em 1687 ²²³, com o livreiro João Dias Leite, passa procuração para Lisboa aos livreiros João Martins e Carlos do Vale Carneiro, para defesa em causa que os jesuítas lhes movem. Em 1690 ²²⁴, a mulher é madrinha em Santo Ildefonso, dando-lhe residência defronte da Ponte Nova. Em 1695 ²²⁵, já moradores na rua das Flores, ele e a mulher contraem um empréstimo. Morar na rua das Flores era, nesta época, sinal de promoção social, só facultada pelo subido escalão económico.

Em 1696 ²²⁶, Manuel Rodrigues Passo passa procuração para Lisboa onde move demanda; assina várias vezes como testemunha ²²⁷; em 1699 ²²⁸, passa procuração a vários incluindo o livreiro portuense Manuel Gomes do Rego, seu sobrinho.

António PEREIRA, assina como testemunha em escritura e no casamento do Livreiro Matias Mendes, em 1613 ²²⁹.

Brás PEREIRA, livreiro, morador ao pé das Aldas, surge como testemunha, em 1573 ²³⁰; no mesmo ano ²³¹, é dotado para casar com Filipa Nunes. Até perto do fim do século ²³², aparece várias vezes como testemunha.

Frutuoso PIRES, livreiro, assina como testemunha, em 1576 ²³³.

Manuel Gomes do REGO, livreiro, morador na rua dos Mercadores, era casado com Maria Ferreira. Em 1691 ²³⁴, despacha para a Baía *hum caixamsinho de livros missais breviarios espi-*

²²³ *Ibid.*, Po 8, 89, 64.

²²⁴ *Ibid.*, Misto 3, 77v.

²²⁵ *Ibid.*, Po 4, 95, 181v.

²²⁶ *Ibid.*, 96, 140.

²²⁷ *Ibid.*, Po 8, 111, 42; 112, 27; Po 9, 3ª s. 2, 2ª parte, 103v.

²²⁸ *Ibid.*, Po 4, 102, 17.

²²⁹ *Ibid.*, Po 1º, 3ª s., 66, 178v; F. P. - Sé, Misto 1, 14 de Maio.

²³⁰ *Ibid.*, Po 1º, 45, 61v.

²³¹ *Ibid.*, 46, 112v.

²³² *Ibid.*, 47, 45; 52, 85; 53, 54; 60, 7; 77, 16.

²³³ *Ibid.*, 54, 134.

²³⁴ *Ibid.*, *Cabido*, 179, 108v.

²³⁵ *Ibid.*, Po 4, 93, 49.

tuais e de moral. Em 1694 ²³⁵, passa procuração para cobrar uma dívida; no mesmo ano ²³⁶, passa procuração para Coimbra para causa que aí move; no ano seguinte ²³⁷, pede um empréstimo de um conto de reis *pera o trato e negocio de seu oficio de livreiro*. Em 1697 ²³⁸, é dado como morador em casa de Manuel Rodrigues Passo. Em 1703 ²³⁹, é depositário dos bens sequestrados a João Pinto de Araújo e já é familiar do Santo Ofício e homem de negócio. Dedicou-se a outras actividades, porque o negócio dos livros não deixava grande margem para atingir a riqueza.

Domingos RIBEIRO, entre 1542 ²⁴⁰, e 1554 ²⁴¹, forneceu encadernações e materiais de livreiro à Mitra.

João Baptista RIBEIRO, livreiro, morava na rua dos Mercadores. Em 1681 ²⁴², despacha para o Brasil livros e papel impresso e assina como testemunha. Em 1693 ²⁴³, compra casa e ²⁴⁴, passa procuração ao abade de Manhuncelos para cobrança. Em 1697 ²⁴⁵, fornece à Mitra doze livros para visitasões, conserta um missal, faz trabalho de encadernação, vende quatro saltérios de coro, quatro missais, mais doze livros para as visitasões e encaderna e conserta o breviário da estante da capela-mor. Em 1737 ²⁴⁶, dá quitação.

Luís Ferreira da ROCHA, livreiro, morador na rua dos Mercadores, era casado com Clara Correia da Rocha. Em 1688 ²⁴⁷, passa procuração para o Porto. No ano seguinte ²⁴⁸, com a mulher pede um empréstimo de duzentos mil reis ao livreiro bracarense

²³⁶ *Ibid.*, 93, 120v.

²³⁷ *Ibid.*, Po 8, 106, 97.

²³⁸ *Ibid.*, 112, 27 e 80v.

²³⁹ A.H.M.P. - *Livro do tabelião Gonçalo Rodrigues Subtil*. [Não catalogado], f. 45v. A prosperidade deste livreiro devia ter boas bases porque, em 1679 (Po 4, 98, 166v. e 284v.), compra parte dum navio e a quinta da Presa Pequena em Aveiro.

²⁴⁰ A.D.P. - *Mitra*, 106, 5v. e Livro 222, em 13 de Maio.

²⁴¹ *Ibid.*, 107 em 1554.

²⁴² *Ibid.*, Po 2, 141, 80v. e 84; em 1686, Po 4, 78-A, 90v.; 1688, Po 4, 82, 180v.

²⁴³ *Ibid.*, Po 8, 100, 144v.

²⁴⁴ *Ibid.*, 100, 171v.

²⁴⁵ *Ibid.*, *Mitra*, 111-A, 3v., 6v., 7v., 15v., 37 e 39.

²⁴⁶ *Ibid.*, Po 4, 183, 67v.

²⁴⁷ *Ibid.*, Po 2, 146, 17v.

²⁴⁸ *Ibid.*, 147, 12.

Domingos da Costa Araújo. Em 1695²⁴⁹, é testemunha em escritura com um seu aprendiz e²⁵⁰, passa procuração para Braga ao Livreiro Domingos da Costa Araújo. Em 1698²⁵¹, volta a pedir empréstimo de duzentos mil reis. Em 1700²⁵², despacha uma canastra de livros para Biscaia: *setenta livros de direyto e hum mical*. Em 1703²⁵³, é referido num projecto de acordo de partilhas.

Tomé da ROCHA, dado como mercador, morava na rua dos Canos, mas forneceu ao livreiro bracarense Geraldo Gomes *corenta cartapacios* que pretende cobrar em 1669²⁵⁴.

António RODRIGUES, impressor, é padrinho de baptismo na Vitória²⁵⁵.

Gonçalo RODRIGUES, livreiro, morador na rua dos Mercadores, era casado com Cecília Ferreira. Os filhos Manuel e Gonçalo foram baptizados na Sé, respectivamente em 1618 e 1619. Em 1623 e 1624²⁵⁶, forneceu ao Cabido missais novos, consertou e encadernou outros missais e manuais. Em 1654²⁵⁷, com a mulher constitui património para o filho Inácio Ferreira ser ordenado. Em 1654²⁵⁸, é herdeiro do P. Manuel da Rocha Barbosa, abade de S. Nicolau e²⁵⁹, passa procuração para o Porto. Em 1657²⁶⁰, assina contrato relativo aos missais impressos no Porto.

João RODRIGUES, impressor, casado com Marta Ferreira, vivia na «rua de trás que vai de Santo Elói para a porta do Olival». Baptiza a filha Joana em 1613²⁶¹, na Sé, considerado como mo-

²⁴⁹ *Ibid.*, Po 8, 104, 40.

²⁵⁰ *Ibid.*, 104, 92v.

²⁵¹ *Ibid.*, Po 4, 99, 124.

²⁵² *Ibid.*, Cabido, 185, 181v.

²⁵³ *Ibid.*, Po 4, 109, 45.

²⁵⁴ *Ibid.*, Po 1º, 4ª s., 162, 162.

²⁵⁵ *Ibid.*, Fundo Paroquial, Misto 2, 11v.

²⁵⁶ *Ibid.*, Cabido, 838, 72v. e 83; 839, 175v. e 176.

²⁵⁷ *Ibid.*, Po 1º, 4ª s., 172, 203v.

²⁵⁸ *Ibid.*, Po 2, 115, 25v.

²⁵⁹ *Ibid.*, 115, 21.

²⁶⁰ *Ibid.*, 117, 209v. Gonçalo Rodrigues era natural de Paio Pires, do concelho do Seixal.

Trabalhou para D. Rodrigo da Cunha que o protegeu recomendando a pretensão para ser nomeado familiar do Santo Offício. Fez tenaz campanha contra este livreiro o seu colega portuense Tomé Correia (Vd. LIMA, Matias - *Encadernadores Portugueses*. Porto, 1956, p. 168-169).

²⁶¹ *Ibid.*, Fundo Paroquial - Sé, Baptismos nº 5, 222.

rador na rua dos Mercadores; em 1615²⁶², baptiza António; e, em 1621, Úrsula.

Em 1626²⁶³, intervém num perdão concedido ao seu primo Manuel de Sousa. Em 1631²⁶⁴, recebe procuração de Manuel Antunes para vender casa nos arredores de Coimbra. Há dois contratos de impressão que assinou: o primeiro²⁶⁵, com o Dr. António Fernandes de Moure; o segundo²⁶⁶, com Tomás Pacheco, já estudado neste trabalho.

O Rev. Dr. António Fernandes de Moure era pregador do bispo de Lamego, D. João de Lencastre e contratou o impressor portuense para lhe dar à estampa três obras que teria composto, embora nem todas tenham sido publicadas. Em português seria *Compendio de doctrina moral*. Outros dois seriam em latim: um seria um comentário aos três primeiros capítulos do Génesis, com o título *Inuestygatio hominis in triplici statu naturae gratiae et peccati*; o segundo era um volume de teologia moral *Examen moralis theologiae*.

O autor pagaria ao impressor por *quada folha de quada volume* mil reis por folha inteira. O impressor compromete-se a não aceitar mais trabalho sem acabar este contrato. Entrando em pormenores técnicos, fará o trabalho *lançando ha margẽ da folha as alegaçoes do compeendio e dos comentarios in genezi a assy mais lançando linhas entre collumna e collumna e por baixo das regras ultymas dos commentarios metendo os textos hẽ atanasia e as margens em cursiva de leitura... de manrª que fiquẽ as regras bem cheas de letras e as paginas bẽ cheas de regras*. João Rodrigues aceita que a paga de metade das despesas da impressão seja feita em exemplares impressos ao preço oficialmente estabelecido. Não faria a encadernação dos livros, porque no documento lê-se que os cadernos *impressos e inxutos ira entregando a elle dito licenceado ou a ha pessoa que ele deixar pª isso para ao goardar na caza que melhor lhes tyuer*. O total dos exemplares serão mil e quinhentos. Os exemplares serão rubricados pelo autor.

²⁶² *Ibid.*, Baptismos nº 6, 7.

²⁶³ *Ibid.*, Po 2, 70, 18.

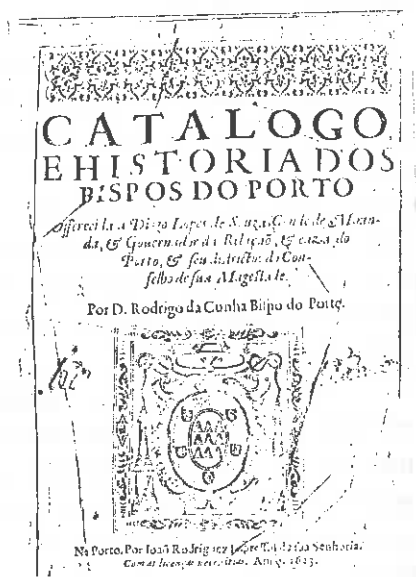
²⁶⁴ *Ibid.*, 82, 97.

²⁶⁵ *Ibid.*, 65, 164.

²⁶⁶ *Ibid.*, 85, 13v.

Há uma cláusula interessante: *por merêda*, o licenciado prometeu ao impressor cem alqueires de trigo postos na barca, onde o impressor indicar. Há multa de 200 cruzados para quem falte ao estipulado.

O Dr. António Fernandes de Moure obteve privilégio em 1625²⁶⁷, para a impressão do *Compendio moral e resoluções de casos de consciencia*. Mantinha-se pelo período de dez anos.



João Rodrigues foi impressor em Lisboa em 1620 e 1621. Foi impressor de D. Rodrigo da Cunha, seguindo-lhe o percurso pastoral no Porto e em Braga²⁶⁸.

Manuel RODRIGUES, mercador de livros, em 1676²⁶⁹,

²⁶⁷ DESLANDES - Documentos, p. 186.

²⁶⁸ *Ibid.*, p. 183; MATOS - Impressores, p. 112-113.

²⁶⁹ A.D.P. - Po 4, 68, 86v. e 110.

é referido como confinante na rua dos Mercadores. Em 1682²⁷⁰, com o colega João Dias Leite defendem-se em Lisboa na *causa que ora lhes move o P. Reitor do Colegio de Santo Antão de Lxª sobre uma penhora que ora lhe* (sic) *fizeram em huns cartapacios de João Nunes Freire*. Em 1685²⁷¹, em sua casa, na rua dos Mercadores, é assinada uma doação entre família de livreiros. Mariana recebe doação duma casa na rua dos Mercadores pertencente ao P. Inácio Ferreira, do hábito de S. Pedro e homónimo do livreiro seu pai. Manuel Rodrigues era tutor da enteada Mariana, filha de Inácio Ferreira e Maria Ferreira. Em 1696²⁷², em casa do mesmo livreiro, a enteada Mariana Ferreira ratifica uma doação que tinha feito ao padraсто Manuel Rodrigues Passo, também livreiro.

João Vieira da SILVA, mercador de livros, casado com Domingas Lopes, morava na rua dos Mercadores. Em 1682²⁷³, contrai empréstimo de duzentos mil reis para acabar o pagamento de casa que tinha comprado. Em 1687²⁷⁴, com a mulher, passa procuração para a Baía; no ano seguinte²⁷⁵, regista privilégio na Câmara; em 1694²⁷⁶, passa procuração ao livreiro bracarense Domingos da Costa Araújo; Em 1697²⁷⁷, a mulher passa procuração para Porto e Braga para cobrança.

Paulo da SILVA, livreiro, casado com Maria Ferreira, morava ao pé das Aldas. Em 1682²⁷⁸, assiste à venda de prédio em Valadares, Gaia, tendo sido a escritura lavrada no Porto. Em 1694²⁷⁹, quando baptiza a filha Ângela, em Santo Ildefonso, mo-

²⁷⁰ *Ibid.*, 73-A, 182v. O Pe. João Nunes Freire, mestre de gramática, alugou ao pasteleiro Gaspar da Costa uma casa na rua de Trás, em 1621 (Po 2, 60, 45).

²⁷¹ *Ibid.*, 78, 98v.

²⁷² *Ibid.*, 96, 280v.

²⁷³ *Ibid.*, 74, 207.

²⁷⁴ *Ibid.*, Po 2, 144, 51v.

²⁷⁵ A.H.M.P. - Registo Geral, Livro 5, 230.

²⁷⁶ A.D.P. - Po 8, 101, 8v.

²⁷⁷ *Ibid.*, Po 2, 161, 95.

²⁷⁸ *Ibid.*, Po 4, 75, 75v.

²⁷⁹ *Ibid.*, Fundo Paroquial, Misto 3, 153.

rava ao Calvário. Passados dois anos ²⁸⁰, ainda assina como testemunha, mas em 1735 ²⁸¹, é mencionada a viúva.

João Lopes SOBRADO, livreiro, casado com Maria Ferreira, morava ao pé das Aldas. Em 1693 ²⁸², aparece como testemunha. Em 1695 ²⁸³, com a mulher, pede um empréstimo de sessenta mil reis *para certa compra que fazia de liuros*; no mesmo ano ²⁸⁴, entende-se com um vizinho que tinha construído cozinha nova no telhado. Assina várias vezes como testemunha, morando ao Padão de Santo Elói ²⁸⁵.

Inácio de SOUSA, livreiro, morava na rua dos Mercadores. Em 1657 ²⁸⁶, é escrivão do recebedor de décima da freguesia da Sé.

Santos de SOUSA, livreiro, é nome que abrange duas gerações: pai e filho. Em 1610 ²⁸⁷, regista peças abrangidas pelas proibições de Pragmática; em 1642 ²⁸⁸, recebe açúcar do Brasil. Morre em 1646 ²⁸⁹.

O filho e homónimo era casado com Maria de Sá e morava na rua dos Mercadores. Em 1666 ²⁹⁰, assina como testemunha; em 1670 ²⁹¹, baptiza na Sé o filho André; em 1674 ²⁹², assina como testemunha. Em 1692 ²⁹³, casado, em segundas núpcias, com Joana Teixeira, toma prazo à Câmara.

Francisco da Costa TEIXEIRA, livreiro, casado com Luísa Carneiro, morava a Santa Ana, ao pé das Aldas. Por vezes assina

²⁸⁰ *Ibid.*, Po 8, 106, 171v.

²⁸¹ *Ibid.*, Po 2, 256, 166.

²⁸² *Ibid.*, Po 4, 91, 60v.; em 1704 (Po 4, 110, 251v.).

²⁸³ *Ibid.*, Po 8, 104, 40.

²⁸⁴ *Ibid.*, 105, 122v.

²⁸⁵ *Ibid.*, 115, 64; em 1700, 116, 271v.; em 1702, 121, 160v.

²⁸⁶ A.H.M.P. - *Vereações*, 56, 107v.

²⁸⁷ *Ibid.*, Livro dos Registos das pessoas da Plematica..., f. 35.

²⁸⁸ A.D.P. - *Cabido*, 117, 68v.

²⁸⁹ *Ibid.*, 839, 50v.

²⁹⁰ *Ibid.*, Po 8, 26, 64; em 1667, 27, 159.

²⁹¹ *Ibid.*, Fundo Paroquial - Sé, Misto 4, 79v.; em 1671, Francisco; em 1672, Luísa.

²⁹² *Ibid.*, Po 4, 64, 133, 133v. e 165.

²⁹³ *Ibid.*, Po 8, 97, 106.

apenas Francisco da Costa. Em 1682 ²⁹⁴, assina como testemunha; em 1691 ²⁹⁵, com a mulher assina quitação; no mesmo ano ²⁹⁶, passa procuração para o Brasil para receber herança. Em 1694 ²⁹⁷, passa procuração para tomar posse de campo, em Canaveses; em 1695 ²⁹⁸, requer a transcrição de recibo em nota. Em 1705 ²⁹⁹, com a mulher contrai empréstimo; no mesmo ano ³⁰⁰, compra a Catarina Seco, viúva de João da Costa, casas na rua do Colégio, por cima do Arco de Santa Ana. Em 1711 ³⁰¹, recebe quitação de fiança ³⁰², passa procuração.

Inácio VIEIRA, livreiro, morador na rua dos Mercadores, toma prazo de casa de três sobrados na mesma rua onde ele vive, em 1632 ³⁰³.

MANUEL LEÃO

²⁹⁴ *Ibid.*, Po 2, 141, 185v.; em 1688, Po 8, 90, 57v.

²⁹⁵ *Ibid.*, Po 8, 95, 148.

²⁹⁶ *Ibid.*, 95, 14v.

²⁹⁷ *Ibid.*, 101, 43.

²⁹⁸ *Ibid.*, Po 4, 94, 159.

²⁹⁹ *Ibid.*, 113, 239v.

³⁰⁰ *Ibid.*, 113, 228v.

³⁰¹ *Ibid.*, 127, 142.

³⁰² *Ibid.*, 133, 151v.

³⁰³ *Ibid.*, 21, 147v.